



O CRIME DE SYLVESTRE BONNARD, MEMBRO DO INSTITUTO, DE ANATOLE FRANCE: UMA DRAMATIZAÇÃO DOS DILEMAS DA ERUDIÇÃO HISTÓRICA

HAI DUKE, Paulo Rodrigo Andrade (UFPR)¹

RESUMO: Este artigo se concentra na análise do romance de Anatole France (na verdade François-Anatole Thibault – 1844-1924) intitulado *O crime de Sylvestre Bonnard, membro do Instituto*, publicado originalmente em 1881. Ele busca levantar questões sobre a experiência moderna no final do século XIX na França, através do referido romance. Nesta análise do romance de Anatole France, destaca-se principalmente a figura da personagem principal, Sylvestre Bonnard, enquanto paradigmático de uma trajetória de erudito-intelectual, historiador e filólogo que busca durante toda sua vida encontrar as origens francesas. Bonnard é representado por Anatole France como um erudito envelhecendo ao longo do século XIX, que durante sua busca vai paulatinamente perdendo a fé na própria atividade que exerce: os estudos históricos e filológicos. Ele aparece no romance como símbolo de uma época que sentiu profundamente a perda da confiança na modernização, na razão, na ciência e no positivismo.

PALAVRAS-CHAVE: Sylvestre Bonnard; Anatole France; literatura francesa; experiência moderna; história francesa.

THE CRIME OF SYLVESTRE BONNARD, MEMBER OF THE INSTITUTE, OF ANATOLE FRANCE: A DRAMA OF THE DILEMMAS OF HISTORICAL SCHOLARSHIP

ABSTRACT: This article focuses on the analysis of the Anatole France novel (named François-Anatole Thibault - 1844-1924) entitled *The Crime of Sylvestre Bonnard, member of the Institute*, originally published in 1881. It seeks to raise questions about the modern experience in the late nineteenth century in France, through this novel. In this analysis of Anatole France novel, stands out the figure of the main character, Sylvestre Bonnard, as paradigmatic of a trajectory of a scholar-intellectual, historian and philologist who seeks all his life find the French origins.

Bonnard is represented by Anatole France as a scholar who is aging throughout the nineteenth century, that during his search will gradually losing faith in the very activity that exercises: the historical and philological studies. He appears in the novel as a symbol of an age that felt deeply the loss of confidence in the modernization, on reason, in the science and positivism.

KEYWORDS: Sylvestre Bonnard; Anatole France; French literature; modern experience; French history.

O crime de Sylvestre Bonnard, membro do Instituto foi publicado originalmente em 1881. É o romance que alçou Anatole France à fama (LALOU, 1925, p. 115), tendo recebido por ele o prêmio da Academia Francesa.² Ao lado de escritores como Maurice Barrés, Paul Bourget, os irmãos Goncourt, Emile Zola, entre outros, Anatole France passou a figurar desde então como um dos expoentes da vanguarda literária francesa no final do século XIX, um escritor extremamente influente entre as novas gerações de romancistas franceses nascidas nas últimas décadas do século XIX.

O romance em questão de Anatole France torna-se extremamente pertinente quando se observa que ele problematiza fragmentos da trajetória de um acadêmico, membro do *Institut de France*, em um contexto que é também de desconfiança e crise da razão e do positivismo. Embora com a forte marca do progresso, o final do século XIX presenciou um mal-estar advindo exatamente disto: uma tensão entre o racionalismo (e seus adendos, naturalismo e positivismo) e correntes ditas "irracionalistas" (ligadas a um certo romantismo), que valorizavam a experiência subjetiva, a imaginação, o idealismo e a metafísica. Segundo Eugen Weber (1989), esta crise do positivismo na verdade é resultado de seu grande triunfo, o qual levou tanto à dúvida quanto à confiança no progresso pela ciência.

Michel Winock destaca que o final do século XIX trouxe à cena pública uma nova figura com grande poder de manobra e mobilização, o intelectual (WINOCK, 2002). Até então usado apenas como adjetivo, o termo passa a ser empregado como sujeito por artistas e eruditos (mais tarde por opositores, de forma irônica) que se auto-intitulam os intelectuais, em petições e cartas abertas solicitando a revisão do tumultuoso Caso Dreyfus. Anatole France foi um daqueles que assinou as petições a favor de Dreyfus. O prestígio social dos acadêmicos, eruditos e artistas em geral, pelo menos aqueles respeitados no domínio de sua respectiva atividade, demonstra a posição privilegiada que estes alcançaram na sociedade francesa *fin-de-siècle* XIX.

Desconfiança em relação à razão e ao positivismo, em paralelo ao extremo destaque dos eruditos e artistas, aspectos aparentemente contraditórios,

mas que estão imbricados na modernidade parisiense do final do século XIX. Justamente por isso destaca-se a relevância do livro de Anatole France, que na época buscou representar justamente este dilema dos emergentes intelectuais.

O romance é construído através de uma estrutura narrativa baseada no diário, pelo qual o narrador, o sr. Sylvestre Bonnard, seleciona momentos e acontecimentos de sua vida, registrando-os de 1861 à 1882. Ele se confessa através de seu diário como um velho historiador e filólogo, membro do *Institut de France*. Michel Foucault, em a *História da sexualidade: a vontade de saber* (2001), desenvolve a idéia de que a sociedade contemporânea ocidental teria desenvolvido uma espécie de nova *virtude* ao longo do século XIX: buscar obter a verdade sobre sua sexualidade através justamente da confissão. Afirma ele que:

Em todo caso, além dos rituais probatórios, das causas dadas pela autoridade da tradição, além dos testemunhos, e também dos procedimentos científicos de observação e de demonstração, a confissão passou a ser, no Ocidente, uma das técnicas mais altamente valorizada para produzir a verdade. Desde então nos tornamos uma sociedade singularmente confessanda. A confissão difundiu amplamente seus efeitos: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações amorosas, na esfera mais cotidiana e nos ritos mais solenes; confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos, confessam-se passado e sonhos, confessa-se a infância; confessam-se as próprias doenças e misérias; emprega-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito; confessa-se em público, em particular, aos pais, aos educadores, ao médico, àqueles a quem se ama; fazem-se a si próprios, no prazer e na dor, confissões impossíveis de confiar a outrem, com o que se produzem livros.[...] O homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente. (FOUCAULT, 2001, p. 58-59)

Isto merece destaque, na medida em que toca diretamente o objeto aqui em questão, pois destaca esta regra discursiva de investigação da verdade do sujeito, esta necessidade de falar através da confissão, que o Sr. Bonnard emprega através de seu diário. Ainda segundo Foucault:

Daí, sem dúvida, a metamorfose na literatura: de um prazer de contar e ouvir, dantes centrado na narrativa heróica ou maravilhosa das 'provas' de bravura ou de santidade, passou-se a uma literatura ordenada em função da tarefa infinita de buscar, no fundo de si mesmo, entre as palavras, uma verdade que a própria forma de confissão acena como sendo inacessível. (FOUCAULT, 2001, p. 59)

Confissão como maneira de produzir e transmitir uma verdade, forma também de alcançar um efeito de real que o discurso literário necessita, conforme afirma Pierre Bourdieu (2005). Por isso o narrador confessa que seu diário é a recordação de uma vida humilde, e não registro de acontecimentos surpreendentes: “Lembre-se de que não lhe prometi nada de original e de que não pode esperar grandes acontecimentos da vida de Sylvestre Bonnard.” (FRANCE, 1971, p. 146). Bonnard confessa também que seu diário possa não ser a verdade literal do que aconteceu: “Não afirmo que as minhas palavras tenham sido pronunciadas como escrevi. Ampliei-as um pouco, quem sabe? Pondo-as no papel, é bem difícil conservar, mesmo em um diário, a exatidão literal. Mas se não falei assim, pensei assim.” (FRANCE, 1971, p. 68). Maneira de conseguir credibilidade do leitor, admitindo a pequena falha previsível, bem como anunciando que uma vida real não necessita ser surpreendente.

Nascido na primeira década do século XIX, a vida de Sylvestre Bonnard simboliza o próprio envelhecimento do século, através desta personagem paradigmática, um historiador que busca as origens da França. As raízes medievais são seu objeto principal de pesquisa, busca ferrenha por rastros deixados pelos monges da abadia de *Saint-Germain-des-Prés*: “Há quarenta anos venho estudando a Gália cristã e, com especial interesse, as glórias da abadia de Saint-Germain-des-Prés, de onde saíram os reis-monges, fundadores da nossa dinastia nacional.” (FRANCE, 1971, p. 71-72).

É preciso entender o século XIX enquanto um período em que está sendo avaliado, em certa medida, o legado da Revolução na França. O questionamento do poder da Igreja Católica é uma consequência direta disto, e também uma certa secularização da cultura. Discursos mais seculares como o filosófico, científico e artístico surgem como alternativas de resposta às questões antes tratadas exclusivamente pelo discurso religioso. Conforme Márcio Noronha (2006), as instituições religiosas perderam neste período o monopólio da linguagem sobre fenômenos extramateriais.

A escolha de France por uma personagem historiador que pesquisa as origens nacionais francesas (católicas, é claro) foi muito perspicaz para simbolizar aspectos desta experiência moderna que buscou preencher a ausência de Deus. Conforme destaca Noronha sobre a arte moderna do final do século XIX: “Na ausência de Deus, o texto. Na ausência do Criador, a obra, o criado. O criado ocupa o lugar do divino (numa releitura de Benjamin). A arte ocupa o lugar da religião.” (NORONHA, 2006, p. 65).

Por isso o historiador Bonnard não busca a essência divina, mas sim as

origens de instituições criadas, como o estado e a igreja francesa. *Saint-Germain-des-Prés* é considerada uma das mais antigas construções religiosas de Paris. Sua primeira fundação foi registrada em meados do século VI, quando o rei merovíngio Childeberto teria ordenado a construção de uma basílica para acolher algumas relíquias sacras. Abadia teve muitas designações ao longo da história, mas está muito associada ao nome que dá ao local onde está instalada: *Saint-Germain*.

Conforme destaca Schumpeter (1961), a persistência do Antigo Regime durante o século XIX foi muito relevante: segundo Arno Mayer (1987), o próprio historicismo agiu como uma espécie de estratégia, pela qual se reafirmava a importância da tradição. A revalorização da Idade Média enquanto objeto pela historiografia no século XIX, antes desprestigiada pela Era da Razão que lhe acunhara de Idade das Trevas, denota a busca por raízes e fundamentos em um período chamado por alguns de seus contemporâneos de Crepúsculo dos Deuses e dos Ídolos. Não por acaso o próprio Bonnard destaca o erro de considerar a Idade Média uma era de desrazão, desorganização e loucura: "É um erro acreditar que a Idade Média foi um tempo de caos." (FRANCE, 1971, p. 210). Sua busca, muito pelo contrário, valoriza aspectos de organização e ordem, pelos quais havia sido fundado algo maior que os homens: a nação francesa. Por acreditar que na Idade Média surgiu uma tradição que teria culminado no Estado Francês, Bonnard admira o princípio de organização medieval. É preciso lembrar, conforme destaca Eugen Weber (1989), que o nacionalismo foi muito popular no período como síntese de um desejo de regeneração da sociedade que se encontrava, segundo esta ótica, doente e em decadência.

Segundo Jacques Le Rider, a modernização no século XIX impôs novos problemas para a identidade dos indivíduos:

A modernização do século dezanove se caracteriza pela expansão da administração do Estado, o progresso científico e técnico engendrando mudanças sociais e a perda de determinadas tradições culturais, o crescimento demográfico e econômico, a urbanização e o desenvolvimento de meios de comunicação e de informação. Estas mutações conduziram a uma redefinição dos termos do debate que parece agora indispensável ressaltar. A modernização, processo econômico, social e político, questiona a identidade cultural das coletividades e as identidades subjetivas dos indivíduos. (LE RIDER, 1993, p 47-48).

Quando Bonnard afirma que sua busca era por algo maior, ele tenta

sanar esta crise através de uma pesquisa que deflagraria uma verdade essencial: Que fazer ainda aqui? Por que acabar perdendo os olhos sobre pergaminhos que não me dizem nada mais que valha? Eu os decifrava outrora, esses velhos textos, com entusiasmo. Que esperava encontrar neles? A data de uma fundação piedosa, o nome de algum monge iluminista ou copista, o preço de um pão, de um boi ou de um terreno, uma disposição administrativa ou judiciária, isso ou alguma coisa mais, alguma coisa de misterioso, de vago e de sublime, que acendesse a minha alegria. Mas, durante sessenta anos, procurei essa coisa e não a encontrei. Os que me excediam em valor, os mestres, os grandes, os Fauriel, os Thierry, embora mais felizes, morreram no trabalho e não descobriram, também essa alguma coisa, que, não tendo corpo, não tem nome e sem a qual, entretanto, nenhuma obra de espírito seria tentada na Terra. Agora, que só procuro o que posso razoavelmente encontrar, não encontro nada mais, e é provável que nem chega a terminar a história dos monges de Saint-Germain-des-Près. (FRANCE, 1971, p. 217).

Logo, sua busca pelas origens da monarquia francesa é também uma tentativa de encontrar um princípio de identidade coletiva e individual, essa coisa intangível sem a qual, entretanto, nada poderia ser criado.

A saga de Bonnard representa a trajetória de um erudito decepcionado, que dedicou sua vida aos estudos, viveu na solidão, e agora sente em sua pele a incapacidade e inaptidão para a vida. Ele inclusive se auto-ironiza sobre isto: "Bonnard, tu sabes decifrar velhos textos, mas não aprendeste a ler no livro da vida." (FRANCE, 1971, p. III-112). Mas mesmo decepcionado, ele não vê outra possibilidade: "Não há nada para mim no mundo, além de palavras, tanto me tornei filólogo! Cada qual faz como pode o sonho da vida. O meu é feito na biblioteca;" (FRANCE, 1971, p. 117). Eis um grande dilema do erudito-intelectual do período: a sensação de incapacidade para a vida. Não à toa Nietzsche intitulou sua famosa *Segunda Intempestiva* como: "*Da Utilidade e Desvantagem da História para a Vida*". Esta intempestiva levanta justamente o problema de encontrar maneiras de escrever a história que não levem à esterilidade e perda da vida criativa, ao embotamento dos sentidos e a perda da vontade de viver (NIETZSCHE, 2003).

Segundo Jacques Le Rider, a solidão foi uma marca da experiência moderna deste período:

Diagnóstico e crítica do individualismo como doença moderna da cultura, exaltação do indivíduo como supremo fundamento

da cultura autêntica: após Nietzsche, o fim do século e o início deste oscilam entre essas duas apreciações de um fenômeno julgado como ambivalente. – Mas a forma de vida que parece se coadunar com este individualismo é a solidão. Solidão orgulhosamente assumida, solidão dolorosamente ressentida. (LE RIDER, 1993, p. 58).

Sylvestre Bonnard destaca o papel desta solidão em seu erudito calvário: “Como os cavalos que sentem no ar o cheiro da cocheira, apresso os passos, ao aproximar-me de casa. Ela aí esta, a colméia humana, onde tenho minha célula para destilar o mel um pouco azedo da erudição.” (FRANCE, 1971, p. 74).

Esta solidão, marca do *espírito livre* moderno, está ligada a uma sensação de perda da realidade, na medida que isola o indivíduo do mundo, gerando a sensação de não pertencimento: “A crise de identidade do Eu cortado do mundo é acompanhada de sintomas de perda de realidade que se traduzem no questionamento da identidade sujeito/objeto.” (LE RIDER, 1993, p. 61). O historiador Bonnard, muito sensível à realidade do tempo, sente esta crise de identificação justamente pelo processo de destruição que o tempo opera no mundo: “Pena não é durar de mais, é ver tudo sumir-se em torno de nós.” A velhice de Bonnard aparece assim em oposição à sua infância: “Como eu saía da minha primeira infância, dei para me esconder e fiquei intratável; perdi o dom encantador de ver e de sentir, e as coisas não me causaram mais as surpresas deliciosas que forma o mundo maravilhoso da idade mais tenra.” (FRANCE, 1971, p. 147). Ele destaca, logo depois, que a experiência de viver durante muito tempo leva o indivíduo conseqüentemente à ingrata sabedoria da pouca inocência da vida e das pessoas, logo à perda da inocência. Portanto, surge o perigo de perder a capacidade de se identificar com a realidade circundante, pois ela muda constantemente com o tempo que passa.

Ao contar estas duas décadas que parecem ser as últimas da sua vida, um período de velhice, a personagem vai demonstrando paralelamente seu crescente desencanto e descrença pela ciência e pelos estudos. Embora tenha dedicado sua vida toda as pesquisas históricas das origens francesas, e acreditasse não apenas no valor deste trabalho, mas principalmente na necessidade desta busca, como de uma verdade maior pela ciência, Bonnard vai confessando de forma crescente sua desconfiança: “O progresso das ciências torna inúteis os trabalhos que mais ajudaram esse progresso.” (FRANCE, 1971, p. 168). Aqui, embora ele ainda não tenha se desencantado, já se deflagra um início da dúvida em relação à real necessidade do progresso científico, visto a total negação que Bonnard dolorosamente observa: o desprezo das novas gerações em relação às precedentes.

O impasse entre desrazão e razão, que Bonnard costuma ler como uma incompatibilidade, alimenta tanto a sua crescente descrença pela ciência quanto sua nostalgia por não ter vivido uma vida intensa, menos imersa nos livros. No fundo, ao não fomentar uma verdade ontológica e metafísica, os estudos histórico-filológicos aos quais ele tanto dedicara seu tempo se tornaram estéreis: “Tudo passa; tu passaste, tua filha passou; mas a vida é imortal; e é a vida que se deve amar nas suas imagens renovadas. Eu era com os meus livros como um menino que mexe em pedaços de ossos.” (FRANCE, 1971, p. 134).

Assim Bonnard define a esterilidade da ciência corporificada em sua vida, trajetória sem legados que não sejam os frutos de pesquisas, suas insignificantes obras históricas e filológicas, pois estéreis agora para ele. Conforme destaca Jacques Le Rider, neste contexto intrincado a metafísica do belo e a filosofia da vida (*Lebensphilosophie*) sintetizaram possibilidades de redenção: “O indivíduo não é mais uma simples individuação, um simples átomo em desagregação, retorna a ser totalidade, retoma seu lugar assinalado no próprio centro do mundo e da Vida.” (LE RIDER, 1993, p. 90). Bonnard vê nelas forças criadoras superiores que podem superar a esterilidade e inutilidade de sua trajetória de erudito.

Ao analisar aspectos da experiência moderna em Paris entre o final do século XIX e o início do século XX, Eugen Weber destaca que durante as décadas de 1880 e 1890, teria sido corrente entre os franceses o sentimento de fim de uma era, daí o amplo prestígio do termo *fin-de-siècle*, corrente na época como fórmula explicativa de tudo. O sentimento de decadência, tão caro ao período, surge assim como constituinte da experiência dos sujeitos deste período, mas conforme afirma Eugen Weber (1989): foi principalmente entre as classes privilegiadas e dominantes que ele predominou. Esta visão da época enquanto final de uma era vinculou-se a outro tema corrente, o de *decadência-degeneração*. A partir daí, a crítica ao *homem moderno* como decadente fez-se quase automática.

Facções da elite, encampadas por nobres e burgueses com tendências à aristocratização, denunciavam a subversão da tradição: “Responsabilizava-se a vida moderna, especialmente a urbana, pela deterioração.” (WEBER, 1989, p. 33). Bonnard deflagra isto quando faz uma certa valorização do descontentamento: “Mas há almas atormentadas por um sublime descontentamento; são as mais nobres.” (FRANCE, 1971, p. 89). Aqui, e logo em seguida, ele cria uma diferença entre o povo e o erudito, pela qual este último repudia a ingenuidade de viver do povo. Conseqüentemente, os ricos são tristes, e o dilema se desdobra novamente.

Ao fim Sylvestre Bonnard, membro do Instituto, sacerdote dos estudos

históricos e filológicos, descrente de seu ministério, aproveita deste um ponto: justamente aquele da origem francesa, dos primeiros reis monges, fundadores da primeira monarquia genuinamente francesa. Pois embora símbolo do século XIX inquieto, este historiador supostamente cético encerra seu diário com a seguinte citação em latim: "Et nunc dimitis servum tuum, Domine!" (FRANCE, 1971, p. 230)³. Interessantes palavras para um homem que se dizia cético e sem fé no sobrenatural.

O que Anatole France parece indicar com este romance é que a história do século XIX, na França pelo menos, pode ser representada através da dramatização do próprio desenvolvimento da historiografia. Para um século que se agita, que perdeu Deus, e que elevou as ciências (e as artes) ao seu lugar, nenhum herói melhor que um velho historiador que se debate em busca das origens da identidade francesa, que seria a sua própria:

Minha consciência está tranqüila. Cumpri meus deveres o melhor que pude. Usei bem as mediócras faculdades que a natureza me deu. Meus esforços não foram todos inúteis; contribuí, com a minha modesta parte, para a renascença dos trabalhos históricos, renascença que ficará sendo a glória deste século inquieto. Espero ser citado entre os dez ou doze pesquisadores que revelaram à França as suas antiguidades literárias. (FRANCE, 1971, p. 136).

Logo, as confissões do sr. Sylvestre Bonnard, homem solitário e celibatário, que vive confinado em sua *cidade dos livros* e que vê o século envelhecer em torno de si e do rio Sena, destacam a desconfiança frente ao positivismo e o papel-função das ciências no mundo moderno. Conseqüentemente, questiona a função dos intelectuais e eruditos dentro da sociedade, em uma época em que estes, junto aos artistas, galgavam degraus da escala social inacessíveis antes para eles.

Desconfiança que se demonstra pela incapacidade de alcançar, através de estudos científicos, uma verdade ontológica e metafísica. É preciso não esquecer: o texto aqui em questão é um romance moderno do final do século XIX, momento em que a arte, impulsionada tanto pelo culto metafísico do belo quanto através da arte pela arte, afirma-se enquanto lugar de transcendência. No fundo, o romance é um discurso artístico que critica a suposta pretensão do discurso científico. René Lalou, em livro original de 1922 acerca da literatura contemporânea francesa (compreendida então como o período desde 1870, baliza relativamente comum entre os historiadores da literatura francesa), inseriu Anatole France

justamente em um capítulo referente à reação antinaturalista (LALOU, 1925, p. 89-136).

Na seção intitulada *Anatole France e a Fantasia Intelectual*, René Lalou afirma que: "Igualmente distanciado do romantismo e do naturalismo, Anatole France encarnava assim a mais delicada cultura do humanismo europeu." (LALOU, 1925, p. 115). Foi este duplo distanciamento, portanto, que possibilitou ao romanista criar um livro com o dilema de Sylvestre Bonnard: um sujeito que se encontra em determinado lugar da sociedade, o erudito-intelectual que, ao questionar a legitimidade de sua erudição neste contexto, coloca em xeque a posição de liderança que ele e seus iguais exerciam na sociedade francesa. E isto menos de duas décadas antes de estourar o Caso Dreyfus, que definitivamente alçou os intelectuais ao cerne das discussões públicas francesas. Portanto, é justamente a posição de destaque social e cultural que os intelectuais alcançaram neste período que abriu o caminho à autocrítica, pela qual eles questionam o seu verdadeiro merecimento enquanto ícones, exemplos e modelos em uma sociedade crescentemente massificada.

NOTAS

¹ Graduado em História pela Universidade Federal do Paraná (2006). Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (2009). Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

² Mais tarde, o escritor recebeu também o prêmio Nobel de Literatura, em 1921.

³ "E agora manda embora o teu servo, Senhor.", *Ibid.*, p. 230.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Cia das letras, 2005.

DÖBLIN, Alfred. O romance histórico e nós. Tradução de Marion Brepohl de Magalhães. In: *História, questões e debates*. Dossiê Palavras compartilhadas: diálogos entre romance e história. Curitiba. ANO 23. N. 44. jan./jun. 2006.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FRANCE, Anatole. *O crime de Sylvestre Bonnard, membro do Instituto*. Tradução

de Álvaro Moreyra. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1971.

HAIDUKE, Paulo Rodrigo Andrade. *A modernidade entre o desencanto e a idealização: um diálogo entre história e literatura a partir do romance A La Recherche Du Temps Perdu de Marcel Proust*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 2009.

LALOU, René. *Histoire de la Littérature Française Contemporaine (1870 à nos jours)*. Paris: Les Éditions G. CRÉS, 1925.

LE RIDER, Jacques. *A modernidade vienense e as crises de identidade*. Tradução de Elena Gaidano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

MAYER, Arno. *A força da tradição: a persistência do Antigo Regime*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva. Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

NORONHA, Marcio Pizarro. Composição: Entre o conceito e as sensações para o pensamento de matrizes na história da literatura e arte modernas. In: *História, questões e debates*. Dossiê Palavras compartilhadas: diálogos entre romance e história. Curitiba. ANO 23. N. 44. jan./jun. 2006.

SCHUMPETER, Joseph. *Imperialismo e classes sociais*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

SEIGEL, Jerrold. *Paris boêmia. Cultura, política e os limites da vida burguesa. 1830-1930*. Tradução de Magda Lopes. Porto Alegre: L&PM, 1992.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. Tradução de Sergio Marques dos Reis. In: VELHO, Otávio Guilherme. (org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

WEBER, Eugen. *França fin-de-siècle*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.